

Apresentação do tema

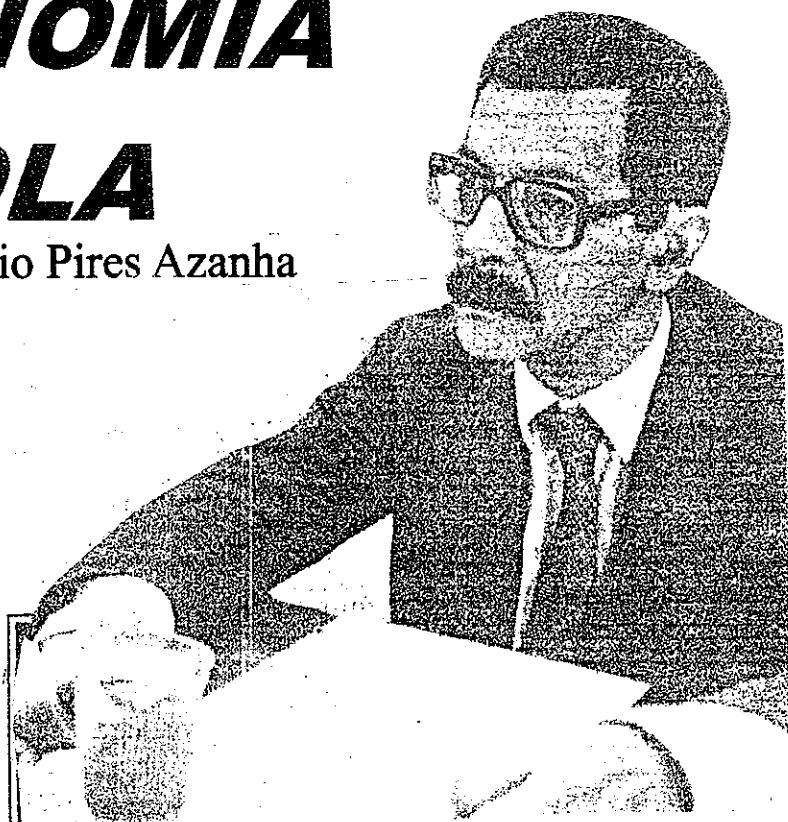
A AUTONOMIA DA ESCOLA

José Mário Pires Azanha

Um lanque dirige-se à Inglaterra; um juiz impede-o de chicotear o seu escravo e o lanque grita, indignado: "Vocês chamam a isto, uma terra de liberdade, onde um homem não pode surrar o seu escravo?"
Marx, A Ideologia Alemã, I

Nos tempos que correm muito se tem falado sobre a autonomia da escola como algo a ser conquistado e estabelecido. No entanto, nas discussões que se travam, poucas vezes se vai além da superfície do tema. A força de nos limitarmos ao universo verbal da legislação e dos pareceres dos Conselhos de Educação, toda a questão da autonomia da escola parece se resumir em ter-se um regimento próprio no qual figure com destaque um "Conselho de Escola" com ampla representatividade e atribuições deliberativas. Ainda que a autonomia da escola possa ou deva abranger esses aspectos é claro que o assunto não deve nem pode se esgotar nisso.

Se limitarmos nossa discussão da autonomia da escola a esse universo verbal, corremos o risco de deixar intocado o que é essencial: a autonomia do próprio processo



José Mário Pires Azanha,
autor do "Documento Preliminar
Para Reorientação das Atividades
da Secretaria de Estado da Educação"

Órgão oficial
da Secretaria
de Estado
da Educação

EDUCAÇÃO
DEMOCRÁTICA

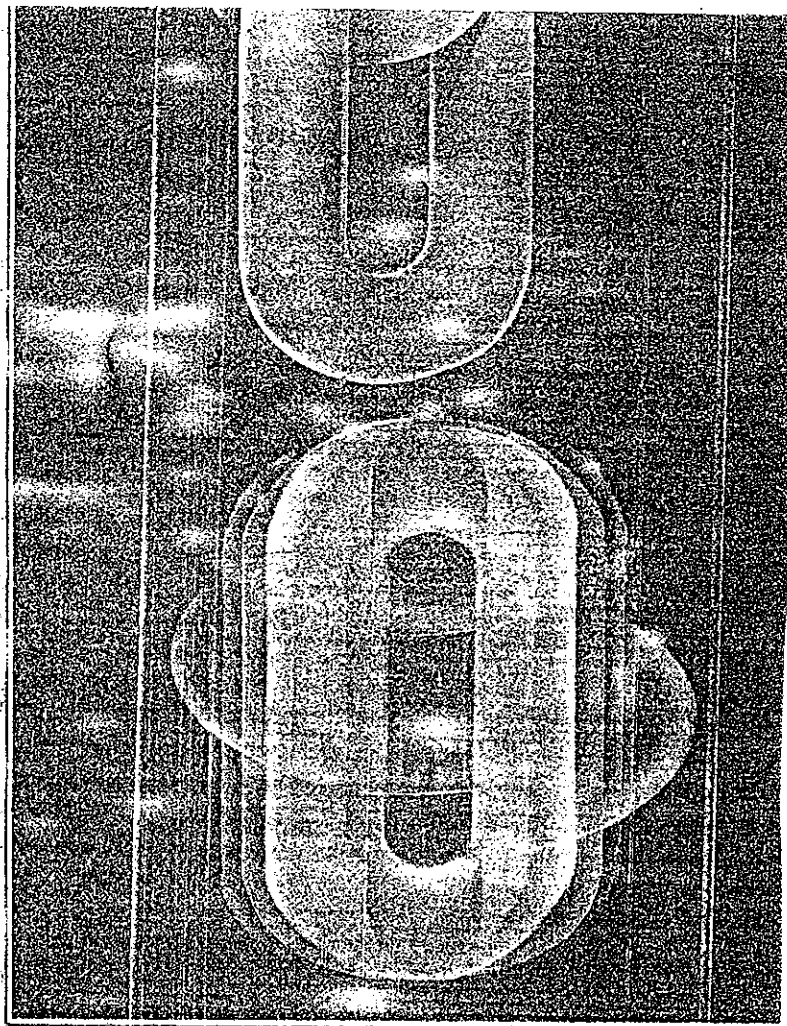
n.º 3
setembro de 1983
São Paulo

educativo. Porque a escola é um local de trabalho e de convivência humana, mas o que a distingue de outras instituições é que essas atividades realizam-se com um propósito, que é o de educar. Por banal que isto seja e até talvez por isso mesmo perde-se de vista, muitas vezes, esse propósito fundamental.

Nas discussões sobre autonomia da escola essa situação revela-se com muita clareza. Reivindicase maior liberdade dos professores com relação ao diretor, da escola com relação à Delegacia e a outras instâncias administrativas. Liberdade, para quê? Esta, que é a questão essencial, não é explicitamente examinada nem respondida. No entanto, só a resposta clara a esta questão poderá repor o problema da autonomia da escola nos seus devidos termos.

A autonomia da escola só ganha relevância se significar autonomia da tarefa educativa, em outros termos, o assunto é quase irrelevante e poderá ser confundido, como muitas vezes é, com normas meramente administrativas. Porque, na verdade, nenhum regimento próprio, nenhum Conselho Deliberativo, por si sós, darão à escola a autonomia educativa. Esta só se obtém a partir de uma consciência

aguçada e crítica das possibilidades de atuação da escola em face da clientela e da comunidade a que serve e do esforço continuado e conjunto para ir até o limite dessas possibilidades. Enfim, a autonomia da escola é algo que se põe com relação à liberdade de formular e executar um projeto educativo. E um projeto como diz Castoriades (Castoriades, C — *L'institution Imaginaire de la Société* — Editions du Seuil — 1975, pag. 106) é a "intenção de uma transformação do real, guiada por uma representação do sentido dessa transformação e levando em conta as condições dessa realidade." Nesses termos, o projeto educativo de uma escola é o propósito de transformar a clientela (e a comunidade) tomando em consideração — não as prescrições de uma pedagogia abstrata — mas as condições reais de vida dos educandos. Todo esforço educativo autêntico repousa numa esperança: a da possibilidade de modificação humana. Sem essa esperança, o ensino se transforma num ritual destituído de significado. Mas, a esperança não basta. É preciso organizar-se a par-



tir dela e formular claramente o sentido e o valor das modificações que se pretendem e unir-se num esforço comum e continuado na sua perseguição.

Há muito que o constrangimento dos regimentos únicos, das determinações superiores autocráticas e doutradoras, dos livros ideologicamente preparados vêm tentando criar na escola o **vácuo educativo**, isto é, a escola que não educa. Mas, a luta contra essa coerção será equivocada se nós limitarmos a reivindicar alterações meramente administrativas. Estas são externas e seu valor dependerá basicamente do próprio esforço que a escola faça para que o seu trabalho não se estiole na inutilidade de tarefas só aparentemente educativas. Para além do alcance de todos os contrangimentos políticos, econômicos, sociais, culturais e pedagógicos, há um espaço de encontro e de convívio humano que é potencialmente educativo. É pela ocupação desse espaço com um projeto de educação consciente e crítico que se dará substância efetiva à aspiração de autonomia da escola.